

Instituto Sedes Sapientiæ

Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana

8º Ano

Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas

5º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 6 – 20/04/2017

Assunto principal: Início do estudo das oito inteligências tipológicas e das cinco inteligências dos arquétipos regentes do Self. A Inteligência Insular Matriarcal (desejo, magia, mitos e sonhos).

Texto de referência: Psicologia Simbólica Junguiana, pp. 183-196.

Filme documentário da National Geographic sobre os Aborígenes Australianos, Etnia Gagudju.

Boa noite a todos.

Hoje é a nossa sexta aula, na qual continuaremos o estudo dos **quatro arquétipos regentes que coordenam a elaboração simbólica junto com o Arquétipo Central**. Reunidos, eles formam **cinco inteligências arquetípicas do Ser**. Nenhum símbolo ou função estruturante pode ser pensado (elaborado) fora delas. Em sua tipologia, Jung (1921) descreveu oito inteligências tipológicas formadas por **quatro funções e duas atitudes**. As funções são **pensamento, sentimento, sensação e intuição** e as atitudes são **extroversão e introversão**. O pensamento e o sentimento formam um par de opostos e a intuição e a sensação, outro.

Na tipologia de Jung, todas as pessoas tem as quatro funções e as duas atitudes, que são funções estruturantes tipológicas arquetípicas. Elas se combinam e dão origem a **oito tipos psicológicos**. (Veja-se sua descrição no livro de Nise da Silveira, *Jung, Vida e Obra*).

Uma das funções é a principal e sua oposta é a **quarta função**. Por ser a menos desenvolvida, a quarta função é também chamada indevidamente, ao meu ver, de função inferior. Acho que, indevidamente, porque, no processo de individuação, apesar de sua menor desenvoltura, ela acaba tendo uma função muito importante e, por isso, não é tão inferior assim.

A função do pensamento vê a formulação lógica, racional e coerente do discurso. A função do sentimento diz respeito à relação racional afetiva das pessoas e das coisas. A

função da sensação percebe as qualidades irracionais das coisas em si, como numa fotografia e a função da intuição adivinha, também irracionalmente, para o que servem e para o que servirão as coisas. A atitude da introversão centra o relacionamento no Ego, o sujeito, e a função da extroversão centra o relacionamento no outro, no objeto.

A tipologia de Jung é arquetípica e descreve oito tipos ou inteligências psicológicas. A Psicologia Simbólica Junguiana descreve **as cinco inteligências arquetípicas dos arquétipos regentes.** A articulação desses dois grupos faz com que um grupo enriqueça o outro.

A diferença principal entre esses dois grupos de inteligência é que o grupo da tipologia de Jung é principalmente tipológico e o grupo das cinco posições Ego-Outro da PSJ é essencialmente coordenador do desenvolvimento.

As cinco inteligências dos arquétipos regentes da PSJ descrevem cinco maneiras arquetípicas da polaridade Ego-Outro operar no Self.

1) Inteligência **indiferenciada do Arquétipo Central** – nela o Ego e o Outro estão ainda fusionados. É o início de qualquer elaboração simbólica. 1º Exemplo: começo a sentir frio. Não sei se o frio veio de fora com o início de uma frente fria, ou de dentro do meu corpo, de um calafrio febril, por exemplo. Somente o exame da sensação (elaboração simbólica) dirá. 2º Exemplo: veio à mente uma preocupação com um amigo. Não sei se ele está necessitado de ajuda ou se fui eu que imaginei isso porque estou com saudades dele. Somente o exame dessa preocupação dirá. Os dois exemplos necessitam o resto da elaboração simbólica pelas outras quatro inteligências, caso contrário, não será possível uma conduta inteligente a respeito do seu significado.

2) Inteligência **Insular do Arquétipo Matriarcal** – nesta inteligência, a polaridade Ego-Outro forma ilhas na Consciência. Ela é predominante dos 0-2 anos na vida do bebê. Numa ilha, o Ego se relaciona com a mãe; na outra, com o pai, por exemplo. Ela permanece atuante durante toda a vida.

Trata-se da inteligência da sensualidade, do desejo, da fantasia, do mito, do sonho e de muitos sintomas. Devido à proximidade simbiótica do Ego e do Outro, eles frequentemente se confundem e até invertem posições para atuar na dimensão da magia e do sonho. O Ego (criatividade subjetiva) pode facilmente pensar que o Outro é ele mesmo e o seu desejo se transformar em realidade objetiva. Muitos pensadores atribuem esta inteligência exclusivamente às culturas tribais (pejorativamente chamadas primitivas), às crianças (fase oral), ao “inconsciente” ou à participação mística. No entanto ela opera normalmente em nossa vida adulta muitas vezes por dia, devido à capacidade da mente de imaginar metáforas.

A inteligência insular matriarcal aproxima e confunde muito o Ego com o Outro e o Ego com o Arquétipo Central e, por isso, as culturas tribais divinizam a natureza. Trata-se do **animismo**, a religião mais antiga de todas, na qual as árvores, a chuva, os animais e as montanhas (objetivo) são sagrados e podem ter vida emocional (subjetivo). Ela está nas metáforas dos sonhos, dos mitos, do humor e de muitos de nossos sintomas. É a proximidade do Ego e do Outro que permite sua simbiose intensa e interpenetração. É essa proximidade que permite a metáfora, na qual, o céu que é objetivo, passa a se tornar romântico e ser a morada dos deuses, o símbolo do infinito, a imagem do inatingível e tantas coisas mais subjetivas. A compreensão da atividade metafórica da psique é inseparável da função estruturante da imaginação que permeia toda a dimensão simbólica.

Numa cultura tribal, um homem pode achar que se puser uma mecha do seu cabelo na entrada da casa da mulher desejada, ela se apaixonará por ele. Isto é **magia de contágio**. Se os caçadores dançarem à volta da imagem de um animal e o espetarem com suas flechas, eles acham que a caçada será mais produtiva. Isso é **magia imitativa**. Ambos os casos são muito usados na atividade de marketing.

O antropólogo James Frazer achou que a magia é a ciência bastarda porque é uma ilusão. Levy-Brühl achou que essas pessoas tinham um “pensamento inferior”.

O reconhecimento da magia e do mito dentro da inteligência insular matriarcal mostra que ela é a inteligência emocional do desejo. Qualquer um de nós a emprega muitas vezes por dia. O *marketing* fez dela a grande arma da propaganda. Basta a Giselle Bündchen aparecer com um novo shampoo para as vendas duplicarem ou então o Neymar ser fotografado fazendo um gol usando a camisa com o nome de um celular para as vendas triplicarem (magia da imitação). Por outro lado, se alguém tocar num ídolo ou arrancar um pedacinho da sua roupa, isso lhe dará um grande poder (magia de contágio).

Frazer viu que a magia é a ciência bastarda do conhecimento científico, mas não percebeu que ela é também a ciência real das emoções. Toda a literatura de autoajuda emprega essa inteligência para as pessoas se sentirem melhor, mais confiantes e ter sucesso na vida, para o que gastam bilhões de dólares por ano.

3) A terceira inteligência é a **polarizada patriarcal**. É a inteligência racional e objetiva que não acredita em magia. Nela, os polos das polaridades são somente opostos e nada mais. Adulto e criança, professor e aluno, médico e paciente, ser humano e natureza, vida e morte, saúde e doença, todos radicalmente opostos, pão, pão, queijo, queijo e acabou-se. Ela segue Descartes que recomendou separar o Ego do Outro, o

pensamento (sujeito) da natureza (objeto) “para bem pensar”. Foi com esta posição que dominamos o planeta.

4) A quarta inteligência é **a inteligência quaternária dialética** do Arquétipo de Alteridade, que reúne os Arquétipos da Anima, do Animus e da Alteridade.

A inteligência quaternária dialética é a inteligência mais profunda e produtiva de que o ser humano é capaz, porque relaciona o Ego e o Outro na posição quaternária. Nesta posição o Ego é capaz de modificar o seu posicionamento pela crítica do Outro e vice-versa, dentro da posição quaternária de alteridade. Esta posição relaciona a luz e a Sombra do Ego e do Outro dentro do Todo, o que permite o desenvolvimento pleno da função estruturante da ética. Ela relaciona o objetivo (sintomas) com os significados mentais (racionais e emocionais), o que permite a psicoterapia dinâmica (consciente-inconsciente). Ela relaciona a vida e a morte, o que permite a compreensão simbólica da morte e da ressurreição nas transformações. Ela relaciona o agente infeccioso com a formação de anticorpos, o que permite a imunologia. Ela relaciona a imaginação com a realidade, o que permite a criatividade imaginal. Ela relaciona a saúde e a doença, o que permite a medicina, a psicologia e a psiquiatria simbólicas, e assim por diante.

5) A quinta inteligência dos Arquétipos Regentes é a inteligência contemplativa, que permite desapegar o Ego de tudo e esmaecer sua fronteira com o Outro, sendo ambos absorvidos pelo Todo (posição contemplativa).

Quando um médico acha que o efeito placebo de um remédio não é real, ele está sendo positivista e pensando com a inteligência patriarcal polarizada e não está percebendo, com o Arquétipo da Alteridade, que o efeito placebo é o resultado da inteligência insular matriarcal atuando pela magia de contágio.

Essa conceituação dos arquétipos regentes, que elaboram **todas** as cinco inteligências arquetípicas, reabilitou a inteligência insular matriarcal na Psicologia, na Antropologia, no Self Individual e no Self Cultural. Ela havia sido menosprezada e posta de lado nas teorias de desenvolvimento. Ao reconhecê-la hoje, podemos apreciar a importância de uma cultura como a dos Gagudju, que viveram durante 40 mil anos na região de Kakadu, no norte da Austrália. Eles expressavam extensamente o dinamismo matriarcal ao lado do patriarcal. Seu animismo permitiu que eles vivessem em harmonia relativa com a flora e a fauna. Sua vivência mítica, expressa na imaginação com os espíritos Mimes, cultivava uma vida espiritual que reunia a vida e a morte dentro da cultura. Sua belíssima pintura de milhares de anos representa os animais com dimensões maiores que o normal e servia para manter magicamente a ordem no mundo (magia

imitativa). Os morcegos, que tinham vida noturna, representavam o espírito dos curadores, que lidam com o inconsciente (a noite).

Infelizmente, porém, a Austrália foi o primeiro continente a ser alcançado pelo *Homo Sapiens* por mar há 45 mil anos e sua megafauna (mamutes - diprotodontes – coalas gigantes – tartarugas gigantes), foi totalmente exterminada como aconteceu em todos os continentes após sua povoação pelos *sapiens*.

A relação dos Gagudju com o além através da arte e dos rituais equivale, na Grécia Antiga, à relação dos humanos com os deuses através das oferendas de néctar e de ambrósia e também à Yoga, cujos exercícios propõem o desapego da mente das coisas mundanas (Samsara) para viver o Ser Cósmico (Atman).

Três vivências fundamentais dessa cultura aborígine de dominância matriarcal, mas que também expressam a inteligência patriarcal são hoje parâmetros para a ecologia. **A primeira** é a ligação permanente da parte com o todo através do animismo. Cada criatura deve ser respeitada pelo fato de ser uma expressão do todo (pensamento simbólico sistêmico). **A segunda** é que o Ser depende do cuidado dos humanos (a arte e os rituais) para passar de virtual a real (relação dialética de alteridade da parte com o todo). **A terceira** é a representação da Sombra por um lagarto deformado com asas pelancudas, que não servem para voar. Segundo a lenda, ele foi amaldiçoado e assim deformado por ter desrespeitado os rituais (fixação da função estruturante do voo transformado em Sombra, em incapacidade de voar), ou seja, em defesa, compulsão de repetição e resistência.

Essas três condições são pilares, dentro da ecologia, necessários para manter a sobrevivência da nossa espécie. Com essas três características, vemos a sabedoria das culturas mágico-míticas quando comparadas à formação da Sombra, à destrutividade a poluição e a devastação ecológica das culturas industrializadas de dominância patriarcal. Basta pensarmos que enquanto os Gagudju viveram em relativa harmonia com a natureza durante quarenta mil anos, os colonizadores ingleses da Austrália, em apenas quatrocentos anos, dizimaram grande parte da flora e da fauna, incluindo o extermínio da etnia dos Gagudju. Não há dúvida que o resgate da inteligência insular matriarcal é indispensável na Antropologia e na Psicologia para operar lado a lado com a inteligência polarizada patriarcal e propiciar a inteligência dialética de alteridade necessária para confrontar nossa Sombra e salvar nossa espécie. A posição insular matriarcal foi dominante no Self Cultural nos 140 mil anos da pré-história que precederam o assentamento propiciado pela revolução agropastoril. Foi ela que deu início à formação das cidades e à dominância patriarcal de muitas culturas.

Pelo fato da pre-história ser vivida pelos caçadores coletores nômades, que andavam pela Terra em busca de comida, nós nos acostumamos a considerá-los selvagens, ignorantes, famintos e incapazes de cultura.

O historiador Yuval Noah Harari (2011), em seu livro *Sapiens. Uma breve história da Humanidade* descreve o contrário. Segundo estudos atualizados, relata Harari, os caçadores coletores nômades se alimentavam de forma muito mais nutritiva e saudável que os povos assentados. Sua dieta era extraordinariamente diversificada pois comiam raízes, frutas de toda sorte, carne de praticamente todos os animais, aves e peixes. Quanto ao conhecimento, cada pessoa era um verdadeiro especialista nas comidas que faziam bem e nas que faziam mal. Conheciam também um grande número de plantas medicinais para tratar feridas, contusões, diarreia, picadas de cobras, de escorpião e de outros animais venenosos. Quanto à sua habilidade manual, eram exímios polidores de pedras, de ossos e de madeira para produzir instrumentos para caçar, pescar, costurar suas roupas e lutar. Conheciam o clima para prever a seca, a chuva e a mudança das estações para viajar. Enfim, eram muito mais cultos e hábeis que qualquer operário especializado moderno, porque cada pessoa fazia de tudo. Os gêneros eram muito mais companheiros que na família patriarcal que os sucedeu, porque homens e mulheres faziam muitas coisas em comum, inclusive colher, armazenar o que podiam, cuidar e proteger as crianças.

Em suma, os caçadores coletores nômades tinham uma vida cultural e social muito mais diversificada, rica, saudável e satisfatória que os operários industrializados das sociedades modernas de dominância patriarcal.

Função Estruturante do Humor

Dentre as inúmeras funções estruturantes, o humor tem lugar de destaque porque é capaz de confundir o processo de elaboração simbólica pelo absurdo e, assim, desconstruir a seriedade lógica do Self. Devido ao estresse, muitas vezes sofrido, que suporta a elaboração simbólica, a descontração é muito prezada porque ela pode neutralizar a tensão e a exigência de qualquer função. Por isso, talvez, Shopenhauer afirmou que o humor é a única função divina do ser humano.

Devido à sua importância, o humor foi expresso pelo mito mais antigo da humanidade que é o mito do Trickster (Paul Radin, 1956). O Trickster é uma figura mitológica que tem um comportamento imprevisível e que se caracteriza por seguir o seu desejo sem a menor restrição. Dentre os índios americanos, suas peripécias são bem

conhecidas. Lembremos tão somente o conto de um trickster que saiu com um amigo para pescar. De repente, ficou com fome e comeu o amigo...

Na Idade Média o trickster existia como o bufão, na corte dos reis. Geralmente ele era um anão ou um aleijado. Ele era o único que dizia palavrões e até xingava pessoas importantes e o próprio rei.

Tradicionalmente, no circo, o trickster é o palhaço, que se apresenta cometendo inúmeras irreverências.

A forma mais comum do trickster se apresentar, na cultura ocidental, é a anedota ou piada. Freud interpretou a piada (Witz), como sendo a expressão do reprimido, que choca pelo desrespeito pelas convenções.

Para a Psicologia Simbólica Junguiana a piada é a transformação do discurso lógico em absurdo.

Uma namorada mandou para o seu namorado um bilhete no dia 1º de abril, que é o dia da mentira.

_ "Querido, eu traí você!" (1º de abril). Ele respondeu – "Eu também!" (22 de março).

E por aí vai...

O assunto de nossa próxima aula será **a função estruturante do fogo** elaborada pelas cinco inteligências do Ser, e suas consequências na civilização desde o cozimento dos alimentos até o motor de explosão, que marcou a era da industrialização e culminou na fissão nuclear, que causou o genocídio de Hiroshima e Nagasaki.

Até a próxima quinta-feira.

Byington

Agradeço aos que se enviaram a foto e relembro aos colegas abaixo, que **enviem suas fotos digitalizadas, assim que for possível:**

Alessandra Nascimento

Gian Luigi Menegazzo

Renato Rossi